

LIBERDADE DE AMAR – A CASTIDADE FRANCISCANA

A castidade é uma das modalidades que caracterizam o nosso relacionamento com Deus, e no espírito evangélico a castidade de Francisco, é uma das expressões de pobreza interior que nos faz livres para o Reino de Deus.

Vamos começar com duas citações das Regras que hoje em dia tocam em nossos ouvidos de forma ambígua:

Onde quer que estiverem e aonde quer que forem, abstenham-se todos os irmãos de maus olhares e da frequência de mulheres; e nenhum com elas se aconselhe ou ande sozinho com elas ou coma em companhia delas. Os sacerdotes usem de reserva na conversa com elas ao lhes imporem a penitência ou ao darem algum conselho espiritual. Nenhuma mulher preste voto de obediência a algum irmão, mas, recebido o conselho espiritual, faça ela a penitência onde quiser. E acautelemo-nos todos nós e conservemos puros todos os nossos membros, pois diz o Senhor: "Todo homem que olha uma mulher desejando-a, já adulterou com ela em seu coração" (Mt 5,28).¹

Mando firmemente a todos os frades não tenham relações suspeitas ou conselhos de mulheres, e não entrem nos mosteiros de monjas, fora aqueles a quem se concedeu licença especial pela sé apostólica; nem se façam compadres de homens ou mulheres para que, nessa ocasião, não se origine escândalo entre os frades ou sobre os frades².

Se Francisco e os frades tiveram um relacionamento belo, amigável e sincero com as mulheres, porque um trato tão forte, repleto de medo, desconfiança descrito na regra quando fala dos relacionamentos com elas? Sem dúvida, os motivos devemos pescar do contexto histórico da Idade média. Por isso antes de tratar da castidade franciscana vamos ver mais de perto o conceito medieval sobre a feminidade, ou seja, sobre a mulher, como ela era vista como *dulcis malum*.

I. INTRODUÇÃO GERAL

1. Funções e papéis da mulher na sociedade medieval

A Idade média era influenciada pela filosofia ântica. Por exemplo, para Marcos Aurélio, a mulher em respeito ao homem, resulta ser, uma espécie imperfeita (não finalizada, *non finita, fine carens*)³. A mulher antiga era excluída da política, dos cultos públicos, e colocada sempre da parte. Todas as lutas medievais eram conduzidas pelos

¹ RNB 12,1-4.

² RB 11,1.

³ Marco Aurélio si maravilha dizendo: como os deuses deram a um instinto tão enfreado e irracional a tarefa da conservação da espécie humana!

homens, os protagonistas sempre eram homens nobres, aristocráticos, titulares de poder civil/eclesiástico.

Não podemos esquecer que entre as Irmãs Clarissas que foram convidadas no processo de canonização de Santa Clara, não se encontrava ninguém que não fosse de proveniência nobre.

A sociedade medieval era dividida fortemente e reconhecida como uma hierarquia de classes. Cada um tinha a sua posição social bem estabelecida. Quem saía do seu grupo era considerado como “fora lei” e por isso, um malfeitor pra ter medo, ou um doido para se evitar, ou um santo para admirar. As mulheres tinham três categorias de ser mulher: virgem, viúva ou mãe. Por isso para a mulher existiam dois lugares: a família ou o mosteiro, únicos espaços para protegê-las. Nas famílias as mulheres poderiam trabalhar nas lojas, com tecidos, mas sempre submetidas aos homens. Ainda menina, vinha prometida, pelos pais, a casamento ao esposo e o marido deveria dar em dote os bens dele para a família da menina. Sem ter o direito de estudo, em casa poderiam aprender a ler e escrever, pois somente os homens podiam estudar⁴.

Todos aceitavam essa condição menor das mulheres, inclusive as mulheres. A própria Ildegarda di Bingen (+1179), Abadessa, escrevia assim: *a mulher é fraca, ela tem força se recebe do homem, como a lua recebe a luz do sol; por isso é criatura sujeita ao homem e deve ser sempre pronta a servi-lo. O homem representa a divindade do Filho de Deus e a mulher a sua humanidade. O homem preside o tribunal do mundo, governando todas as criaturas, enquanto a mulher é um possesso e sujeito a ele*⁵. São palavras fortes de uma mulher, são palavras de Ildegarda, grande mística do século XII, grande mulher carismática, poderosa cultural e espiritualmente evoluída no seu tempo.

Na Baixa Idade Média, a importância da mulher aparece mais evidenciada no campo sensual, pelos seus cabelos, sua vestimenta, seu papel na família e na sociedade etc., logo em seguida começou aparecer as figuras das damas.

Também no campo da vida religiosa, tendo a liberdade de escolha de vida, a mulher era chamada a viver dentro de um convento, reduzida num espaço bem limitado, submetida a uma Regra, feita pelos homens. Segundo a Regra Beneditina, a mulher ainda que escolhesse a vida religiosa, deve ser conservada fora dos perigos do mundo, pois, são instintos aos prazeres e concupiscências, e por isso devem ficar escondidas dos

⁴ E isso, sabemos que, continuou até a1800 quando pelas primeiras vezes as mulheres tinham acesso à universidade.

⁵ Ildegarda da Bingen, *Liber divinorum operibus simplicis hominis*, PL, vol.CXCVII, col.885. Ela tinha até reclamado várias vezes o imperador Federico Barbarossa, quando este dominou contra Alexandre III (1159-1181) para segunda vez um antipapa – Pascoal III (1164) depois Víctor IV (1159), Ildegarda o reclamava com simples raiva: diante dos olhos de Deus, na visão mística vejo claro o teu comportamento infantil, aliás, de doido; mas tens ainda tempo para reinar sobre a terra. E quando Federico pela 4ª vez, morto Pascoal III, nomeia um outro antipapa, Calisto III (1168), Ildegarda lhe dirige com força, com um tom apocalíptico, como se Deus mesmo falasse pela sua boca: eu posso abater a malícia dos homens que me ofendem. Escuta-me meu rei, se te preme a vida, ou a minha espada te alienará. cit. Sec.V. Musardo Taló, *Il monaquismo femminile*, 219,n.52; Wieslaw Block, Apostila, *Spiritualità Francescana Sistemática*, Pontificia Università Antonianum, Roma 2009, p.104.

homens reduzindo-se numa clausura. Para alguns, como Idungo de Prufening, abade beneditino, fechar-las numa clausura era como se resolver o problema⁶.

Podemos ver tal atitude até com Clara quando o Celano escreve:

Não era conveniente que faltasse esta providencial ajuda ao sexo mais débil, para quem a vontade de pecar não é menor, antes se sente incitado por uma maior fragilidade quando dominado pelo turbilhão da concupiscência. Por isso o bom Deus escolheu a venerável virgem Clara para ser luz no mundo da mulher⁷.

A natural consequência desta segregação entre o mundo masculino e feminino foi a mitigação da mulher, mais no sentido negativo que positivo. No imaginário comum do homem, a mulher é mais fabulosa que real, como tal, objeto de desejo, o *dulce malum* do mundo masculino, causando facilmente o perigo para o homem, capaz de privar ao homem, que é a imagem de Deus, a sua força racional e física. Por causa desta fragilidade inata e o constante perigo para o homem, a mulher deve continuamente ser empenhada no trabalho manual ou na oração e, não deveria deixá-la sozinha, abandonada a si mesma para muito tempo. Numa casa feudal esta vigilância era o compito primário da “*domina*” no mosteiro da *abadessa*.

Sem dúvida esta visão da mulher influenciou bastante na redação final das duas Regras. Mas, por outro lado, a visão da mulher e da castidade em Francisco é muito diferente desses dos seus contemporâneos, pois ele se baseava na concepção bíblica.

2. O conceito do “feminino” na Bíblia

O livro de Gênesis 1,27 nos apresenta: “*Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher*”.

Segundo as Escrituras, Deus criou o homem, como *masculino e feminino*, isto é, a imagem de Deus. Ou seja, Deus criou a humanidade, masculino e feminino, não opostos, mas diferentes, um envolvido no outro.

Desde quando o homem e a mulher se consideraram opostos, o outro é separado e concorrente. Trata-se então de proteger-se e mascarar-se. O masculino se esconde atrás das exibições de força e de prepotência. A mulher para dissimular-se silenciará, se submeterá e procurará seduzir. O medo do outro faz faltar os encontros: o encontro do homem com Deus, o encontro do homem e da mulher, o encontro consigo mesmo na sua parte masculina e feminina. Devido à natureza do homem, masculino e feminino, negar o outro constitui um homicídio e um suicídio. O homicídio, quando a pessoa sendo masculino não faz entrar na sua vida a mulher, ou quando a mulher não aceita os homens. Suicídio, quando a pessoa não reconhece em si a outra parte complementar. Para ser de verdade “*Homem*” precisa reconhecer o outro, encontrá-lo, reconciliar-se com ele. Os grandes homens fizeram isso, mulheres como Clara e homens como

⁶ Todavia, estamos longe da rígida reforma canônica Tridentina, onde para os transgressores da clausura era prevista a pena de excomunhão.

⁷ LSC, Carta introdutória. Ref. 2C 114.

Francisco. O segredo deles era a aceitação e o respeito da diferença. Em vez de negar o outro, aqueles grandes homens, quisera reconhecê-lo na própria diferença, comunicar com o outro, admirá-lo. Não separando nunca o que Deus uniu. Em cada *Homem* o masculino não vai adiante sem o feminino, e o feminino não vai adiante sem o masculino⁸.

Portanto, podemos entender porque quando se fala de Francisco precisa falar de Clara e vice versa. Não porque Clara seja a sombra feminina de Francisco, como a lua reflete a luz do sol. Não porque Francisco seja o fundador de São Damião. Clara é muito luminosa para ser uma sombra, e Francisco nunca se comportou como o “dono” de São Damião. Clara tornou verdadeiramente mulher “feminina e masculina” e Francisco tornou verdadeiramente “masculino e feminino”. No encontro com Clara, Francisco acolheu a parte feminina de si mesmo. E no encontro com Francisco Clara acolheu a parte masculina do seu ser, a sua força. Mais do que das outras mulheres, Clara permitiu a Francisco, tornar-se Francisco como ele era. E Francisco, mais do que os outros homens, permitiu a Clara de tornar-se Clara na sua culminância feminina.⁹

Essa metodologia com base bíblica parece corresponde ao espírito de Francisco e Clara. O homem Francisco, em tantas coisas está em oposição à cultura do seu tempo. Isso se espelha no seu relacionamento com a mulher, o modo de acolhê-la num nível de paridade. Francisco diante das mulheres aparece como o homem integrado, o homem não animoso¹⁰

II. VISÃO FRANCISCANA DA CASTIDADE

1. O coração puro

Francisco raramente usa o vocabulário castidade, casto. Ele usa bastante a palavra “pureza”. Queremos analisar nesse parágrafo, o significado que Francisco dava para a pureza de coração.

1.1 Coração puro – livre das coisas

Na 16ª Admoestação, falando da Bem Aventurança evangélica: *Bem aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus*¹¹, Francisco diz:

*Os puros de coração são aqueles que, desprezando as coisas terrenas, procuram as celestiais e, de coração e espírito puros, não cessam de adorar e de ver sempre o Deus vivo e verdadeiro*¹².

⁸ Ref. J.F. GODET, *Chiara e la vita al femminile. Simboli di donna nei suoi scritti*, in D. COVI– D. DOZZI; *Chiara. Francescanesimo al femminile*, Roma, Dehoniane 1992, 147-148.

⁹ Ref. J.F. Godet, *Chiara e la vita femminile*, 148-151.

¹⁰ Na psicanálise a expressão “animosa”, indica a pessoa que não integrou a parte do seu sexo complementar e por isso deve enfrentá-la com animosidade. O masculino que não integrou plenamente na sua vida o lado feminino, a sua alma, esse masculino, odeia e teme as mulheres. Uma projeção subconsciente do animus sobre o partner, masculino ou feminino, pode deformar o relacionamento entre o homem e a mulher, porque impede o confronto com a verdadeira personalidade do outro. Na verdade o amar o próximo como a si mesmo, seria a outra versão da mesma moeda.

¹¹ Mt 5,8.

Partindo desse texto, é bem claro que para Francisco os puros de coração não são aqueles que evitam a transgressão do sexto mandamento. Trata-se, antes de tudo, a atitude que o homem assume a respeito de Deus e das coisas. São de puro de coração aqueles que, na sua vida, sabem dar o justo lugar à Deus, às coisas e as criaturas; por isso, são motivos para louvar a Deus e não para um amor desordenado, apegados aos bens da terra¹³.

1.2 Coração puro- dedicado só a Deus

A RNB nos oferece ainda outro significado da pureza de coração que Francisco pensava. No capítulo 22, depois de ter falado da necessidade de odiar o corpo com seus vícios e seus pecados¹⁴, após ter convidado para serem vigilantes contra as insidias de satanás que quer sufocar a palavra e os preceitos do Senhor no nosso coração¹⁵, Francisco diz:

*Mas na santa caridade que é Deus (cf. Jo 4,16), rogo a todos os irmãos, tanto os ministros como os outros, removam todos os obstáculos e rejeitem todos os cuidados e solitudes, para, com o melhor de suas forças, servir, amar, adorar e honrar, de coração reto e mente pura, o Senhor nosso Deus, pois é isto o que ele deseja sem medida*¹⁶.

Quem vive com pureza de coração e simplicidade de mente é como um vaso vazio; são eliminados dele todos os obstáculos, afastados as preocupações e as inquietações terrestres. Em poucas palavras é livre de tudo que não é Deus, e a Trindade pode doar-se a ele sem limites, estabelecer nele “morada e habitação”. O *puro de coração* se faz interiormente livre para seu Deus, livre dos pesos do seu *ego* e rejeitando, com firmeza, todas as solitudes do mundo externo, é disponível exclusivamente para aquele que é o único Senhor da sua vida.

2. Disponível para a oração

A pureza do coração adquire um sentido ainda mais profundo no contexto da oração, aliás, é o pressuposto essencial para uma legítima vida de oração. Na 2CF Francisco depois de recomendar o preceito da caridade, ele escreve:

*Amemos, pois, a Deus e adoremo-lo com o coração e espírito puros, porque Ele mesmo exigiu isto acima de tudo, dizendo: Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois todo aquele que o adorar deve adorá-lo em espírito e verdade*¹⁷.

¹² Ad 16.

¹³ A oração do ofício: Ó Deus, pelos méritos de São Francisco, fizestes a vossa Igreja mais gloriosa com uma nova família, concedei-nos, pelo seu exemplo, despojarmos dos bens da terra para gozar com ele dos bens do céu, por Cristo Nosso Senhor. É a oração de todos os franciscanos.

¹⁴ RNB 22,5-10.

¹⁵ RNB 22, 10-25.

¹⁶ RNB 22,23.

¹⁷ 2CF 3,19-20.

O verdadeiro adorador é o homem que tem o “coração puro, o homem que em força de sua pureza torna-se um continuo orador, como dirá na RNB:

*E adoremo-lo de coração puro, porquanto "é preciso orar em todo tempo e não desfalecer" (Lc 18,1), "pois tais são os adoradores que o Pai procura*¹⁸.

Nesses dois textos, Francisco, identifica o ato de orar com coração puro e mente pura com a oração em espírito e verdade, a oração continua. Essa pureza de coração, quer dizer uma radical purificação interior, que requer, arrancar pela raiz os vícios e pecados. É essa pureza, que permite ver o Senhor Deus. Quem ora em espírito e verdade, quem ora com coração puro, vê Deus. A pureza de coração torna-se a condição básica para a oração.

Na oração, a pureza de coração se manifesta como abertura total do coração para com um Deus direto, íntimo, não minimamente distraído pelas pessoas, objetos, pensamentos, ou outras coisas estranhas ao ato que está cumprindo naquele momento. Francisco sublinha isso falando da oração do ofício divino:

*E por isso peço encarecidamente, quanto posso, ao irmão H., meu senhor o ministro geral, faça que todos guardem inviolavelmente a Regra, e que os clérigos devotamente rezem o Ofício diante de Deus, não atendendo tanto à melodia da voz, quanto à consonância do espírito, de modo que a voz sintonize com o espírito e o espírito sintonize com Deus, e assim possam, pela pureza do espírito, agradar a Deus e não, pela melodia da voz, encantar os ouvidos do povo*¹⁹.

Francisco exige que o frade menor seja intensamente unido a Deus e esteja à sua disposição com uma dedicação total, em modo tal que *a voz concorde com a mente, e a mente, pois, concorde com Deus*. A pureza é apontar à total interioridade, fixando em modo exclusivo o olhar em Deus para abandonar-se totalmente a Ele.

Francisco também fala da pureza de coração no contexto da celebração eucarística; dirigindo-se aos irmãos sacerdotes ele suplica:

*Rogo ainda no Senhor a todos os meus irmãos, que são e serão e desejam ser sacerdotes do Altíssimo, que, quando quiserem celebrar missa, puros e com pureza e respeito celebrem o verdadeiro sacrifício do Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, com santa e pura intenção, e não por qualquer motivo terreno, nem por temor ou consideração de qualquer pessoa, como para agradar aos homens*²⁰.

Para entender adequadamente o sentido de pureza nesse específico contexto, pense que no tempo no qual Francisco escreveu, se eram introduzidos abusos graves na celebração eucarística. Não poucos sacerdotes multiplicavam as missas com a intenção do ganho. Francisco exortava então energicamente os seus frades para celebrarem com pureza, ou seja, com santidade de intenção ao sacrifício.

¹⁸ 2CF 22,27.

¹⁹ CO 6.

²⁰ CO 2.

3. Corpo casto

Somente depois de ter analisado *a pureza de coração*, podemos passar para as considerações sobre a castidade corporal, a qual não se limita somente a continência sexual, mas deve ancorar-se numa vida de total pureza.

Sobre a castidade corporal, Francisco fala pouco. O vocabulário “*castitas*” nos *Escritos* de Francisco aparece somente quando fala dos Conselhos Evangélicos no início da Regra; era uma terminologia usual. Além disso, encontramos o vocábulo “*castus*” no cap. IX da RB: “*na pregação que fazem, sejam examinadas e castas suas palavras*”; na II CF falando da eucaristia: “*E Ele quer que ...o recebamos de coração puro e corpo casto*”. Nisto se entende que fala do relacionamento sexual, por isso nem o permitido e nem o não voluntário, deve preceder a Missa Eucarística, opinião corrente da época.

Francisco usa o termo “*castus*” em alguns seus *Escritos*, mas com significado bastante amplo: *a água é casta*²¹, sinal de uma realidade limpa, transparente; *as rolas selvagens* simples, inocentes e castas símbolo das almas puras e humildes²²; todo cheio de júbilo e do mais *puro prazer* Francisco se comovia quando pronunciava o nome do Senhor²³.

4. A castidade vivida por Francisco

A todos que se aproximavam de Francisco parecia evidente a grande pureza de sua mente e de seu coração. Francisco era tão livre a ponto de poder submeter totalmente o seu corpo às exigências do espírito.

*O ardor de seu espírito já tinha tornado tão leve seu corpo que, quanto mais sua alma tinha sede de Deus, maior era a mesma sede também em sua carne santíssima*²⁴.

Ainda que Francisco não fosse livre das tentações e provações, nunca perdeu a candura do seu coração, aliás, as serviam para compreender seus limites e para sentir-se mais seguro da ajuda divina. Destas tentações nos falam os biógrafos:

*Afinal, punham tanto esforço em reprimir as tentações da carne, que muitas vezes não se horrorizavam de despir-se no gelo mais frio, nem de molhar o corpo todo com o sangue derramado por duros espinhos*²⁵.

O que pensar dos remédios, aos quais Francisco recorria, quando a tentação da carne lhe fazia mais forte? A esse propósito não é fácil separar, na narração do primeiro biógrafo, os dados historicamente acertados daqueles que correspondem aos módulos hagiográficos.

²¹ CIS 7.

²² Fior 22.

²³ 1C 82.

²⁴ 2C129.

²⁵ 1C 40, 42 e 393; 2C 116.

Enrolar-se despido na neve alta, jogar-se entre os espinhos, flagelar-se com corda chamando o corpo *irmão asno* para sufocar os instintos da carne são características que não podiam faltar na vida de um santo. Adequaram, contudo, à natureza do pobrezinho que tanto amava improvisar os quadros plásticos, como o episódio das figuras da neve, com uma boa dosagem de humorismo²⁶.

5. Ensino de Francisco sobre a castidade

Francisco não dedicou muito espaço para o problema da castidade corporal. O que lhe preocupava mais, era a pureza de coração. Mas, ele não escondia os perigos concretos para a vida de castidade, especialmente numa fraternidade itinerante, que atua em continuo contato com as pessoas. Por isso, queria premunir os frades contra tudo o que podia criar, ao redor deles, suspeitos tais da comprometer o seu testemunho no mundo.

O capítulo XII da RNB intitula-se assim: *Da necessidade de evitar os maus olhares e a frequência de mulheres*. Os frades devem evitar olhar as mulheres com intenções menos pura, de conversar com elas, de caminhar só com elas e de comer com elas no mesmo prato:

*Abstenham-se todos os irmãos de maus olhares e da frequência de mulheres; e nenhum com elas se aconselhe ou ande sozinho com elas ou coma em companhia delas. Os sacerdotes usem de reserva na conversa com elas ao lhes imporem a penitência ou ao darem algum conselho espiritual. Nenhuma mulher preste voto de obediência a algum irmão, mas, recebido o conselho espiritual, faça ela a penitência onde quiser. E acautelemo-nos todos nós e conservemos puros todos os nossos membros, pois diz o Senhor: "Todo homem que olha uma mulher desejando-a, já adulterou com ela em seu coração" (Mt 5,28)*²⁷.

A mesma Regra fala das **sanções** especiais para aqueles que têm o pecado contra a castidade:

*Se algum irmão, por instigação do demônio, cometer pecado de impureza, seja privado do hábito da Ordem, que ele já perdeu por sua torpe iniquidade, e por isso o deponha definitivamente, e seja demitido de nossa Ordem. E em seguida faça penitência de seus pecados (cf. 1Cor 5,4s)*²⁸.

A Regra definitiva, tendo em consideração as situações mutáveis, se limita a proibir uma atitude confidencial exagerada com as mulheres e a entrada nos mosteiros das monjas, sem autorização do Papa. Além disso, segundo as prescrições da época, aos

²⁶ 2C 116; Como seria bom que diante de cada infidelidade cometida por nós pensássemos como Francisco: Vamos, irmão asno, é assim que te debes comportar, é assim que tens de ser castigado. Esta é a túnica da ordem e não tens o direito de ser falso. Se estás querendo ir para outro lugar, que te vás!

²⁷ RNB XII 1-6.

²⁸ RNB XIII.

frades não era lícito serem *padrinhos*, para evitar *o escândalo entre os frades ou sobre os frades*²⁹.

6. Francisco e o mundo feminino

Embora, Francisco ter deixado tais proibições, nunca assumiu atitudes frias a respeito das mulheres, sendo comum na ascética do seu tempo, apresentar aos olhos do jovem religioso, a criatura feminina como um *doce mal, doce veneno, máscara de satanás*.

Alguns provérbios e máximas, que o II Celano colocou na boca do santo ou lhe atribui, revelam a influência desse tipo de mentalidade que era penetrado nas fraternidades no tempo do biógrafo³⁰.

Francisco nutria para com as mulheres aquele respeito galante e cavalheiresco, que era próprio da sociedade de então. Se Francisco mostrava cortesia e delicadeza com todas as mulheres é porque estas criaturas, observadas com olhos espirituais, pertencem ao Esposo divino. Com a impureza, o homem tenta apropriar-se do que pertence ao Rei Cristo. Francisco ensina tal pensamento através da parábola belíssima da rainha³¹.

O conceito da castidade e do respeito para com a mulher é visto e vivido por Francisco na visão da renúncia total e da expropriação dos bens do Senhor.

7. Castidade e amizade

Francisco um dia confessou confidencialmente a um companheiro: *Confesso-te a verdade, meu caro, não reconheceria nenhuma pelo rosto, a não ser duas. Conheço a fisionomia desta e daquela, de mais nenhuma*³². Supões que as duas mulheres conhecidas por Francisco são: a senhora Jacoba de Settesoli e a irmã Clara. Alguns falam de uma terceira mulher, amiga de Francisco, uma famosa religiosa eremita, reclusa numa cela em Roma³³.

7.1 Senhora Pica

Antes de falar da amizade de Francisco com algumas mulheres, precisamos falar da presença e influência da primeira mulher na vida de Francisco, a sua mãe. Das Fontes podemos entender que Francisco, a diferença de seu pai, tinha uma grande estima e afeto com sua mãe. Ela além de ser uma mulher virtuosa e piedosa que ensinou o filho no caminho da fé e dos valores humanos e sociais, foi uma mãe e amiga que compreendeu e acompanhou Francisco na sua nova fase de vida.

²⁹ RB 11, 2-4; 2C 114.

³⁰ 2C 112,113 e 114.

³¹ 2C 113 À pergunta do rei ao 1º servo: 'Que achaste da rainha?' O mensageiro: O melhor possível, porque ouviu em silêncio. Rei: 'E não é bonita?' - 'Isso sois vós que deveis olhar, senhor. Minha obrigação era levar o recado'. O rei sentenciou: 'Tu, que és casto de olhos, continuarás a meu serviço, e serás ainda mais casto no corpo!'

³² 2C 112

³³ 3C1 81.

O afeto que ele tinha para com sua mãe, depois se estendeu para com as mães dos seus confrades, chamando e apresentando elas como “nossa mãe”. Quando um dia si apresentou à Porciúncula uma mãe que tinha dois filhos na Ordem, pedindo ajuda, Francisco se dirigiu a Pedro Catani, Ministro Geral de então, e disse:

*Será que nós temos alguma coisa para dar à nossa mãe? Porque dizia que era mãe sua e de todos os frades da religião a que fosse mãe de algum frade*³⁴.

O mesmo afeto que sentia com sua mãe, sentia para com as mães dos seus frades, especialmente com aquelas mais pobres. Temos o belíssimo exemplo da bondade de Francisco para com a mãe pobrezinha de Rieti, à qual Francisco ofereceu o próprio manto para que ela pagasse ao médico sua consulta de vista³⁵.

Essa maneira de amar as mães, numa forma tão delicada e tão agradável, podemos também ver nas duas Regras. Ele recomenda aos seus frades de amar entre si como uma mãe ama seu filho. *E cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho*³⁶. Enfim, quando estão nos eremitérios devem comportar-se alternativamente como mães e filhos³⁷. Tudo isso nos faz entender que os laços e idéias espirituais de Francisco com a sua mãe eram bastante profundos, muito mais do quanto geralmente pensamos.

7.2 Irmã Clara

Sem dúvida, a respeito de sua mãe, o relacionamento entre Francisco e Clara é diferente. O ambiente cultural-cristão, onde o jovem Francisco e a mais jovem Clara (diferença de 12 anos) viveram a sua juventude, foi certamente cheio de amor, carinho e afeto humano; Francisco conhecia bem o que significa o “amor cortez”, “*amore cortese*”³⁸.

Nas Fontes históricas, não aparece nenhum testemunho que atesta o conhecimento entre Francisco e Clara antes da conversão. A amizade deles nasce, por isso, no contexto do relacionamento espiritual-vocacional. Desde o primeiro dia do encontro, Clara e Francisco mostraram-se pessoas profundamente “inspiradas” pelo Espírito de Deus, ou seja, pessoas “espirituais”, maduras em certo sentido. Clara aparece na casa paterna instruída por sua mãe no ímpeto sagrado do espírito, praticando a vida de oração, penitência e misericórdia para com os pobres³⁹. Francisco caminha, ele também, sob o impulso do espírito, seja através do encontro com o Crucifixo de São Damião, que pelo seu contato com o leproso. Sobre os primeiros contatos entre os dois temos a narração na Legenda Santa Clara:

³⁴ CAs 93. “Dá a nossa mãe o Novo Testamento, para que o venda para a sua necessidade; creio firmemente que vai agradar mais a Deus e à bem-aventurada Virgem que se nele lesses”!

³⁵ 2C 92.

³⁶ RNB 9,14; RB 6,8.

³⁷ RE 1.

³⁸ Na cultura medieval, nota-se uma especial atenção para com a mulher-senhora, idealizada como símbolo do mais alto desejo nobre - humano, e isto era cristianizada no culto a Nossa Senhora. Nesse contexto Francisco fala também da senhora Caridade e da senhora Pobreza.

³⁹ LSC 4.

*Ouvindo falar de Francisco, cujo nome se ia tornando célebre e que, como homem novo, renovava com novas virtudes o caminho da perfeição tão abandonado pelo mundo, desejou vê-lo e escutá-lo. Neste propósito era movida pelo Pai dos Espíritos (Heb 12, 9), que, por diversos caminhos, a ambos conduzia.*⁴⁰

Houve encontros escondidos, muito comprometidos. Devido aos costumes da época, assim que Clara, em companhia de uma amiga, saiu furtivamente de casa para encontrar com Francisco, que o esperava num lugar bem aparado, Francisco estava em companhia, a sua vez, de Frei Filipe Longo.

*Visitava-a ele, e ela mais vezes a ele. Mas as visitas eram espaçadas, não dando azo a que qualquer pessoa se apercesse daquela santa amizade e se corresse o risco de ser desacreditada na opinião pública. Quando Clara saía de casa e se encontrava a sós com o homem de Deus, cujas palavras a inflamavam e cujas obras lhe pareciam sobre-humanas, era acompanhada somente por uma amiga*⁴¹.

Francisco aproveitava desses encontros para convidar Clara à uma vida dedicada a Cristo- Esposo:

*Procurava convencê-la da doçura da união sponsal com Cristo e convidava-a a guardar a jóia da virgindade para Aquele ditoso Esposo que por nosso amor se fez homem*⁴².

*Confiava-se inteiramente aos conselhos de Francisco, escolhendo-o, depois de Deus, para mestre na sua caminhada*⁴³.

Nota-se então, que desde o início existe entre Francisco e Clara um amor afetuoso, nobre, cordial e profundamente inspirado pelo Espírito de caridade; amor entre pessoas espirituais. O motivo único e íntimo dessa amizade foi sem dúvida a inspiração do único e mesmo Espírito Santo. Francisco e Clara uniram-se pelo mesmo ideal inspirado pelo próprio Espírito. Desse modo um profundo acordo ideal (Clara quando falava a seu respeito se chamava com muito prazer *a plantinha* de Francisco) não podia não produzir também igual profundo sentimento de afeto, de estima, de amizade alegre.

O Celano revela expressamente o afeto que Francisco tinha para com as virgens de São Damião: *diminuindo aos poucos sua presença corporal, mas redobrou seu afeto no Espírito Santo para cuidar delas*⁴⁴. Para sublinhar e salvaguardar esse caráter espiritual do seu amor para com as irmãs, Francisco limitava suas visitas e permitia a visita somente aos frades “espirituais”. Aos frades que se mostravam maravilhados, porque não fosse visitar com mais frequência às Irmãs, respondia:

Não penseis, caríssimos, que não as ame com perfeição. Se fosse pecado ajudá-las em Cristo, não seria um pecado maior tê-las unido a Cristo? Não as

⁴⁰ LSC 5.

⁴¹ LSC 5.

⁴² LSC 5.

⁴³ LSC 6.

⁴⁴ 2C 204.

*haver chamado não seria mal nenhum, mas não cuidar delas agora que foram chamadas seria a maior maldade. O que eu quero é dar bom exemplo, para que façais como eu faço. Não quero que ninguém se ofereça para ir visitá-las, mas ordeno que só sejam destinados a atendê-las homens espirituais, provados por um comportamento digno e longo, contra sua vontade e só quando resistirem bastante*⁴⁵.

Também as Irmãs deveriam renunciar as visitas frequentes do Pai. À elas também Francisco dá uma lição ascética muito realística. Quando uma vez, depois das suplicas insistentes aceitou visitá-las, mas ao lugar de discurso confortante, mandou buscar cinza e fez um círculo ao seu redor no chão, jogando o resto sobre a própria cabeça, permaneceu ali alguns instantes e depois se levantou para rezar o salmo *Miserere* e saiu da li⁴⁶.

O amor entre Francisco e Clara e das demais Irmãs era verdadeiro, puro e sincero. Temos ainda outro fato que mostra de verdade como Francisco era tão humano em compreender os sentimentos profundos de Clara e das suas Irmãs:

*Clara, estava então muito doente e temia morrer antes do bem-aventurado Francisco, chorava amargamente e não podia ser consolada, porque não podia ver antes de sua morte o seu único pai depois de Deus, isto é, o bem-aventurado Francisco, consolador de sua vida interior ... e ele como amava a ela e a suas irmãs com afeto paternal por causa de seu santo comportamento, movido pela piedade, ..., considerando o que ela desejava, isto é, vê-lo, então não era possível, porque os dois estavam gravemente enfermos, para consolá-la escreveu-lhe a sua bênção por uma carta, e também absolveu-a de todo defeito, ... Além disso, dizendo ao mesmo frade que ela enviara: “Vá e leve esta carta para dona Clara, e lhe dirás que deixe toda dor e tristeza, porque agora não pode me ver; mas sabia em verdade que, antes de sua morte, tanto ela como suas irmãs me verão e terão a maior consolação”*⁴⁷.

Verdadeiramente, Clara, tão severa com si mesma na pobreza – penitência – ao ponto que, depois de ser mitigada por Francisco, aparece na amizade para com ele, num sereno e maduro equilíbrio. Francisco encontrou em Clara a harmonia dos opostos: irmão e irmã, pai e mãe.

7.3 Frei Jacoba de Settesoli e Praxedes

Duas outras amigas que nos fazem entender melhor o pensamento de Francisco: Jacoba de Settesoli e Praxedes. Embora, o Celano apresente o relacionamento de Francisco com essas duas mulheres, fala bem pouco e em forma discreta. O caso de Praxedes, uma famosa religiosa eremita, o Celano escreve que: *gozava ela da singular amizade de São Francisco. Tinha-a recebido o Santo à*

⁴⁵ 2C 205.

⁴⁶ 2C 207.

⁴⁷ CAs 13.

*obediência coisa não outorgada a nenhuma outra mulher e concedido o hábito da religião, ou seja, a túnica e o cordão*⁴⁸.

O fato mais notável é o de Jacoba de Settesoli, dama romana, viúva, nobre e santa, *tinha merecido o privilégio de uma particular afeição do santo Pai*⁴⁹. São Boaventura fala desse afeto narrando o episódio do cordeirinho: Francisco tendo recebido um cordeirinho, sem mancha, ao sair, entregou sob guarda, à nobre e devota matrona Jacoba de Settesoli⁵⁰. Todos sabem do episódio comovente da sua presença na hora da morte de Francisco, e isto também nos faz entender a amizade e o laço espiritual tão profundo, que os dois tiveram durante a vida, como nos narra o Celano⁵¹.

8. Castidade e fraternidade

Sem dúvida, a fraternidade é de suma ajuda para poder viver com coração puro e casto. O Celano sublinha a abertura e o afeto que os frades nutriam um para com outro⁵². Sabemos bem que, a fraternidade é o lugar onde além de crescer na afetividade e na solidariedade, é o lugar onde se encontra o sustento nos momentos de luta e sofrimento, onde se libera o potencial afetivo de qualquer tipo de aprisionamento egoístico e de cada tendência possessiva. O coração casto, evangelicamente pobre, protege constantemente a sua liberdade contra qualquer tipo de apropriação afetiva. Francisco e Clara são exemplos para prevenir as nossas tendências de apropriar o afeto de alguém, levando o mal estar na comunidade⁵³.

9. Castidade e fecundidade

Do ponto de vista somente humano, a vida de castidade priva de muitas satisfações, produz um vazio que exige naturalmente ser preenchido. Essa insatisfação, esse vazio, constitui um gravíssimo perigo para quem abraça o estado de castidade perfeita. Se o religioso não é preenchido de Deus, do seu amor sempre em procura do homem, se sentirá levado para procurar sempre e bem antes *outra esposa*, serão os empenhos científicos, apostólicos, caritativos etc., para não dizer outras compensações. Mas, em qualquer caso, o fundamento da verdadeira plenitude, segundo Francisco, antes de ser a renúncia, é *“procurar os bens do céu”*. A castidade franciscana não se limita por isso, no aspecto da renúncia, de sacrifício, mas torna-se uma via que prepara a

⁴⁸ 3C 181.

⁴⁹ 3C 37. Se diz que, depois da morte de Francisco, Frei Jacoba estabeleceu-se em Assis, onde foi tumulada na parede da escada que desce da basílica inferior para a cripta.

⁵⁰ 1B 8,7.

⁵¹ 3C 38-39.

⁵² 1C 39: É da maravilhar a expressão: consagravam todo o seu afeto aos irmãos, oferecendo-se a si mesmos para atender às necessidades fraternas. Reuniam-se com prazer e gostavam de estar juntos: para eles era pesado estarem separados, o afastamento era amargo e doloroso estarem desunidos.

⁵³ 2C 185; EP 80: é um texto fabuloso para os formadores e guardiões: não deverá ter nenhuma afeição pessoal para evitar escândalo; deverá ser muito inclinado à oração e, no entanto, distribuirá seu tempo entre o cuidado de sua alma e o de seu rebanho. Ao romper d'alva deverá celebrar, antes de tudo, o santíssimo sacrifício da missa e, por uma longa oração, recomendar-se-á fervorosamente, com seu rebanho, à proteção divina. Após a oração, postar-se-á no meio de seus frades para ai escutar suas petições. Responderá a todos e proverá as necessidades de todos com caridade, paciência e bondade; RSC 4,11.

plenitude do amor divino. Cada insatisfação natural deve transformar-se em plena disponibilidade à “santa caridade, que é Deus”.

A castidade não somente é deixar o espaço para Deus que preenche o vazio criado pela escolha da virgindade, ela torna-se também fecundidade. As núpcias místicas com Cristo - Cordeiro - Esposo devem cumprir-se na maternidade, para não tornar-se um fechamento a si mesmo e não permanecer estéril. Francisco sabe que só os sacerdotes, dispensadores dos sacramentos e da Palavra de Deus, têm *o ofício de gerar os filhos*, mas sabe também, que os seus frades simples, que rezam e vivem com pureza de coração, conduzem muitos pecadores ao Senhor⁵⁴. Num modo excepcional e breve, Francisco descreve esse compromisso de cada homem, que está unido a Cristo com vínculo esponsal:

Somos suas mães, se com amor e consciência pura e sincera o trazemos em nosso coração e nosso seio e o damos à luz por obras santas que sirvam de luminoso exemplo aos outros.

Contudo, uma vida de castidade virginal leva o núpcio à Cristo e, através desse, na maternidade espiritual, leva à participação da fecundidade que Cristo cumulou à sua Igreja. A verdadeira fecundidade aperfeiçoa-nos no amor total com Cristo, capaz de encher-nos, e transmitirmos a Sua vida aos *membros fracos e vacilantes do seu inefável Corpo*.

Ir. Joice Korattiyil

⁵⁴ 2C 164.